VIDA DE PETRARCA

LUCIA WATAGHIN

RESENHA *Vida de Petrarca* (1987)

Ugo Dotti

Trad. Luís André Nepomuceno

Campinas/SP, Editora da UNICAMP, 2006, 560 pp.

primeira biografia de Francesco Petrarca (1304-1374) foi escrita durante a vida do poeta pelo seu jovem e ilustre amigo Giovanni Boccaccio. No pequeno volume, redigido provavelmente nos anos 1342-1344, Boccaccio esboça o retrato do *vir sapiens* de costumes imaculados, do estóico cristão, “molestado, mas não vencido” pelas paixões, que corresponde substancialmente ao auto-retrato ideal a cuja construção Petrarca se dedicou durante toda a vida.

“Nada, nele, é ambíguo, nada é obscuro, mas todas as coisas se manifestam como claras, límpidas e abertas” – escreve Boccaccio sobre um autor que, segundo os intérpretes contemporâneos, é marcado, pelo contrário, por forte ambigüidade e contradições. É claro que a visão de Boccaccio está diretamente ligada ao auto-retrato de perfeito sábio e humanista que Petrarca apresentou ao mundo. E, de fato, o tema do domínio das paixões está no centro das reflexões de Petrarca, mas Boccaccio e os numerosos biógrafos do período humanista negligenciaram um fato muito interessante aos olhos dos leitores mais recentes: a relevância do conflito existente entre as paixões e o desejo de dominá-las. A inquietude, o sofrimento e a dúvida que contaminam o retrato exemplar do sábio, a descoberta do “duplo homem” que vive em Francesco, marcam o começo da poesia moderna. Para nós, o heróico esforço de recomposição do eu – a cujos fragmentos alude, segundo o intérprete moderno, até o título do cancionero petrarquiano, *Rerum vulgarium fragmenta* – torna saliente o quadro da complexidade e ambigüidade do eu, que Petrarca descobre e descreve, mais do que a força de vontade do poeta ou a validade de sua lição moral e espiritual.

Este não é o único descompasso entre as declaradas ou presumíveis intenções de Petrarca e a história e o juízo dos pósteros. O primeiro e mais evidente, enfatizado com frequência pelos estudiosos modernos, é o fato de sua fama estar ligada, por óbvios motivos, à poesia em italiano

e não à imensa obra em latim, à qual Petrarca atribuía uma importância muito maior. Além disso, apesar do enorme empenho público e político – que o poeta assumiu declaradamente “para o bem comum” e contra suas mais íntimas inclinações de estudioso e poeta –, Petrarca foi visto como o primeiro intelectual ao mesmo tempo “cortesão” e “antimundano”, individualista e desprovido de peso efetivo no mundo político.

Por todas essas razões, e outras, a personalidade de Francesco Petrarca, o primeiro humanista, fundador da poesia moderna, intelectual de enorme influência na cultura italiana e européia, continua a exercer um grande fascínio sobre seus leitores e ainda é uma das mais estudadas no mundo das letras. O número de biografias petrarquinas produzidas no curso dos séculos é impressionante.

A primeira tarefa dos biógrafos modernos foi separar os dados históricos e biográficos disponíveis dos documentos (literários) que constroem o auto-retrato modelar do poeta e do humanista. Em outras palavras, temos de um lado o homem Petrarca, de outro, o personagem que ele mesmo construiu, misturando livremente fatos e invenção literária.

A imponente biografia de Petrarca por Ugo Dotti (1987), publicada recentemente no Brasil na ótima tradução de um estudioso de Petrarca e do petrarquismo no Brasil, Luís André Nepomuceno¹, é talvez a mais importante do século XX. Dotti, que é autor de outros estudos biográficos petrarquianos e de traduções e organização de uma seleção do epistolário, de edições do *Secretum*, das *Sine Nomine*, do *Canzoniere*, reconstrói cuidadosamente e com grande riqueza de informação as várias fases da vida de Petrarca. Do confronto sistemático de várias fontes historiográficas, estudos anteriores (Dotti faz constantemente referência à biografia de Wilkins, de 1961, mas também aos estudos de Billanovich, Umberto Bosco, Carlo Calcaterra) com as obras de Petrarca (particularmente o epistolário), emerge a personalidade de um homem que concentra em si as dilacerantes contradições das relações entre cristianismo e o nascente humanismo, entre a cultura profana e os valores cristãos. Para Petrarca, essa escolha é impossível: do profundo conflito interior, do tormento intelectual produzido por tal impossibilidade, nasce a cultura moderna. Não está em jogo – escreveu Dotti alhures – a *noluntas* (ou *aegritudo*, ou *acedia*) privada e pessoal do homem Petrarca, mas a *noluntas* ideológica da humanidade, da nova cultura que se desprende do transcendente, preparando-se para a “irrupção do imanente”

O auto-retrato ideal de Petrarca inspira-se na autobiografia de Santo Agostinho, mas, ao contrário desta, não contém uma autêntica conversão (embora a conversão de Francesco seja uma imitação da agostiniana, nas *Confissões*), por duas razões: em primeiro lugar porque nela está ausente a contrição (de fato, Petrarca não renuncia aos valores profanos, à poesia, às letras, ao amor terreno, ainda que os coloque em dolorosa discussão). Em segundo lugar porque a intenção, o ponto de vista do poeta, nunca se modificou (e aqui Dotti retoma e confirma uma tese de Umberto Bosco): desde o começo o auto-retrato do poeta deve ser entendido como construção de um personagem, cuja conversão nada mais é que momento exemplar de um percurso já esta-

1. Luís André Nepomuceno dedicou-se, entre outros trabalhos, ao tema das numerosas biografias de Petrarca, do século XIV até hoje. Os primeiros resultados dessa pesquisa encontram-se no informadíssimo ensaio “Identidades construídas: biografias de Petrarca”, aqui publicado.

belecido, que vai da fragmentação do eu, ainda dominado pelas paixões, à ideal apatia estóica, à unidade do homem que alcançou a sabedoria e o controle dos desejos. Para construir este autorretrato, Petrarca altera e reelabora dados e datas da realidade (fato particularmente evidente no epistolário, no qual cartas realmente enviadas aos amigos e às autoridades da época são modificadas e adaptadas a um desenho unitário e complexo).

O *Canzoniere* – que constitui uma parte fundamental de tal autobiografia – representa a paixão amorosa como símbolo do conflito humano universal, das dúvidas e da inquietude humana. Estuda e representa uma fenomenologia da paixão amorosa, a atormentada relação entre desejo e culpa, entre o mundo das paixões e a necessidade de dominá-lo – de acordo com a antropologia cristã, e particularmente Agostinho. É a história de uma paixão amorosa, mas sobretudo a história do domínio e da superação da paixão, um itinerário de salvação espiritual: contudo, escreve Dotti, as paixões são dominadas, mas não vencidas, não anuladas. Com Petrarca abre-se o caminho para a superação da visão transcendente cristã e, finalmente, para a imanência – a realidade material em sua concretude. É graças ao *Secretum*, o livro em que tais temas são discutidos por Francesco e Agostinho, em forma de diálogo, que podemos avaliar com que força “o poeta conseguiu desmentir os empenhos assumidos com Agostinho e libertar-se de uma forçada adesão a uma perspectiva apenas transcendente”

Os temas tratados por Dotti são tantos e tais que não é possível aqui nem mesmo enumerá-los todos: a atividade política (o entusiasmo pela empresa de Cola di Rienzo, que assumira poderes ditatoriais em Roma em 1347; as relações com o poder e as instituições; a exaltação do caráter sagrado de Roma), o culto da antiguidade, a amizade com Boccaccio, as relações com a herança dantesca; a relação com Laura; a peste de 1348, que o priva de amigos e parentes; os projetos de vida comunitária com os amigos; o ideal de “vida solitária”; os valores do nascente humanismo; as polêmicas contra os aristotélicos e a escolástica – para citar só alguns.

Dotti afirma, acima de tudo, a indissolúvel unidade de Petrarca poeta e humanista, do poeta em língua italiana e do escritor latino: a poesia e as obras latinas nascem juntas. O poeta é inseparável do intelectual humanista, do filósofo moral: seria um grave erro negligenciar a produção em prosa latina, pois se perderia a possibilidade de compreensão da própria natureza de sua poesia (e até, como foi notado por Vittore Branca, de ter uma correta visão da literatura italiana em épocas posteriores, como a Renascença, profundamente influenciada pelo Petrarca humanista e poeta).

O programa de vida de Petrarca, que concilia o pensamento cristão e o pensamento estóico, a busca pela *tranquillitas animi* e pela *aurea mediocritas*, Sêneca, Horácio e o ideal de redenção cristã, a vida conforme a natureza e o desprezo da riqueza material, é um programa de liberdade e operosidade intelectual criado sob medida para o humanista. Petrarca foi talvez “o primeiro intelectual moderno a teorizar a vida solitária como condição necessária do espírito”: algo análogo ao “quarto de despensa espiritual” que, dois séculos depois, Montaigne reconhecerá como uma riqueza na vida de “todas as pessoas inteligentes”. O *otium*, a vida solitária (mas será uma

solidão aliviada pela companhia dos melhores amigos: um paradoxo) não são projetos ascéticos, mas lugares ideais para onde o humanista se retira em busca de paz e liberdade, não somente para se dedicar à literatura, mas também para refletir e se preparar a participar melhor da história e da política. Nisso Petrarca segue o exemplo – como lembrou Asor Rosa – do romano Públio Cornélio Cipião, por ele muito amado, que afirmava que nunca estava menos ocioso do que quando ocioso, nem menos só do que quando só – porque nas horas de ócio e de solidão podia refletir sobre o que era preciso fazer. Trata-se, em suma, da mais equilibrada relação entre vida ativa e vida contemplativa, onde cada uma é alimentada pela outra.

Quanto à relação entre pensamento e ação política, entre o ideal de uma vida dedicada às letras e o empenho social, entre o intelectual e o poder, nela se concentram desde o século XIX, com De Sanctis, as mais vivas críticas à posição de Petrarca, com suas profundas e duradouras conseqüências para a cultura italiana.

Quanto a isso, Dotti é realmente moderado e pouco polêmico: às críticas contra a imagem de Petrarca obediente aos poderosos, intelectual sem poder (o “convidado de pedra, ainda que não terrificante” à mesa do poder, segundo uma brilhante definição de Andrea Zanzotto), responde descrevendo minuciosamente sua intensa atividade no quadro político da época, as importantes relações com papas, imperador e senhores, e defendendo aquilo que define seu “realismo político” (e a propósito do ideal monarquista e imperial de Petrarca cita o “príncipe” de Maquiavel): a vida política é dominada pelo real e não pelo ideal. Nota, por exemplo, que com seu projeto de vida comum com poucos amigos, para se dedicar aos estudos, Petrarca buscava a liberdade pessoal, excluindo toda forma de subserviência ao poder. E lembra que este projeto se afirma com especial força e determinação no período do entusiasmo do poeta pela empresa de Cola di Rienzo (1347), que é a razão de sua guerra contra os barões romanos e a cúria pontifícia e da ruptura com o cardeal Colonna, sob cuja proteção Petrarca vivera desde 1330. Nesses anos (1347-1353), Dotti fixa o momento em que o ideal de vida solitária e religiosa é deixado de lado para dar lugar a um maior empenho político de Petrarca e, ao mesmo tempo, ao máximo esforço na busca de autonomia em relação aos centros do poder.

Mas examinemos, por exemplo, o período (1353) em que Petrarca sofreu violentos ataques por parte de Boccaccio e outros amigos florentinos (e não florentinos), em razão de suas relações com os tirânicos Visconti, cuja política expansionista era por eles temida e hostilizada. O juízo de Dotti é inequívoco: a visão de Boccaccio, mais apaixonada e generosa do que a de Petrarca, estava no entanto inteiramente ligada ao municipalismo típico da ideologia florentina e era portanto menos capaz de entender o que para Petrarca estava claro, ou seja, que o futuro da herança comunal dependia do estado regional ditatorial e absoluto, com todos os seus limites. Mas o que dizer da posição de Petrarca sobre a liberdade do “espírito” (*animo*) do autêntico sábio e a necessidade de se sujeitar a “parte remanescente, aquela terrena” à autoridade dos poderosos (*Invectiva contra quendam*)? Do ponto de vista mais específico das relações intelectuais/poder – essas também

amplamente discutidas nas respostas de Petrarca às críticas dos florentinos (Dotti cita especificamente duas cartas a Francesco Nelli) – a posição do biógrafo é sempre em defesa do poeta, embora reconheça que “a escolha [de Petrarca] não foi fácil”: Giovanni Visconti – afirma Petrarca nas cartas – tratara-o com tamanha consideração que teria sido “arrogância” recusar o convite. Além disso, Visconti lhe havia garantido que nada queria, além de sua presença, que constituiria uma honra para ele e para o estado. E cita ainda, logo em seguida, uma carta (1/1/1354) em que o poeta expressa seu descontentamento por ter perdido a chance de gozar sua ideal vida solitária (seu *dolce rifugio*) para atender às obrigações e necessidades da vida pública.

Sobre outros temas polêmicos Dotti diz pouco ou nada. Sobre as relações de Petrarca com as mulheres (tema interessante, em se tratando da biografia de um mestre da poesia amorosa) – e certas extraordinárias expressões que poderiam ser interpretadas como misóginas, contidas em cartas muito citadas por outros estudiosos – Dotti não se pronuncia. Às relações relativamente hostis para com o legado dantesco, e ao papel de intermediário assumido por Boccaccio entre o amigo e a memória de Dante, dedica algumas páginas, nas quais comenta, entre outras, a famosa carta das *Familiari* de pública autodefesa contra as acusações de desdém, inveja e ciúme da obra de Dante. E acrescenta, justamente, que Petrarca declarou que não quisera ler a *Commedia* por receio de sofrer sua influência: admitindo, portanto, sua força espantosa. Mas a herança dantesca – embora profundamente transformada e reelaborada no *Canzoniere* – era ainda mais forte do que, naturalmente, se suspeitava. Se é verdade – como demonstraram nos últimos vinte anos críticos e filólogos como Santagata, Feo, Trovato, Orelli – que a memória de Dante é em absoluto a mais presente na lírica italiana de Petrarca.